a pressão pelo alcance de metas abusivas e de atendimento ao público sem a devida dotação torna o ambiente de trabalho um lugar estressante para o bancário.

No primeiro semestre, os bancos privados foram os grandes responsáveis pela eliminação de 5 mil postos de trabalho no setor. Uma pesquisa realizada pelo DIEESE mostra que o salário médio dos admitidos pelos bancos no primeiro semestre foi de R$ 2.896,07, contra um salário médio de R$ 4.523,65 dos afastados. Ou seja, os trabalhadores que entram no sistema financeiro recebem remuneração 36% inferior à dos que saem. Por isso que, apesar das mobilizações terem arrancado reajustes acima da inflação desde 2004, **a média salarial da categoria diminuiu neste período.**

Ataques de direitos nos bancos públicos e privados

O governo Dilma tem dado continuidade à política de expansão do crédito, no intuito de manter artificialmente o ritmo de consumo das famílias e das empresas. O BNDES, o BB e a CEF são os grandes instrumentos usados para esse fim. Mas, para continuar cumprindo esse papel, os bancos públicos atuam, cada vez mais, como um banco privado: querem vencer a concorrência e buscar o lucro. A CEF, por exemplo, além de quase monopolizar o financiamento imobiliário (impulsionando o lucro das grandes construtoras) e depois de reduzir suas taxas de juros para crédito pessoal, consignado e empresarial, agora anuncia sua participação no financiamento ao agronegócio. Parece muito bom – para o governo e capitalistas. Já os trabalhadores da CEF têm que carregar nas costas o peso desta gestão patronal.

É o mesmo fardo que os bancários do BB carregam há anos e que tende a piorar, pois o banco está passando por uma profunda reestruturação. Em geral, trata-se de transferir e concentrar uma série de atividades e serviços em poucos departamentos, bem como preparar a terceirização de áreas inteiras. A diretoria do BB parece não parece sequer esperar o final da novela do PL 4.330 (sobre a terceirização) ou então dá como certa sua aprovação.

Descompasso entre base e direção sindical

Mais uma vez salta aos olhos o descompasso entre os problemas enfrentados pelos bancários e a atuação da maioria das direções sindicais. Presas à ordem e ânsia de emprestar sustentabilidade ao governo de colaboração de classe, não podem conseguir mais que encher a bola dos banqueiros. Caso consigam um reajuste um pouco maior na mesa de negociações, vão trabalhar para dar fim à greve o quanto antes e empurrar para frente tudo o que não foi resolvido. Os bancários estarão chamados a resistir e precisam parar todo o sistema financeiro do país, não apenas as agências e o atendimento ao público.

Campanha Financeira

A Esquerda abriu nesta segunda quinzena de setembro sua campanha financeira semestral. Confeccionamos um belíssimo calendário para o ano de 2014, ano de comemoração dos 150 anos de fundação da I Internacional. O calendários tem fotos da época e textos explicativos e está sendo vendido a um preço mínimo de R$ 20,00. Somos uma organização independente política e financeiramente frente à burguesia e seu estado. Nossa sobrevivência material depende da colaboração dos contatos e simpatizantes, do jovens e da classe trabalhadora.

Compre um calendário ou mais. Procure um de nossos militantes que vendem o Boletim Foice e Martelo e o Jornal Luta de Classes.

Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da CMI (Corrente Marxista Internacional), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos que ver com as organizações e agrupamentos ultra-esquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, se dedicam ao divisionismo e ao denuncismo inócuo e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Comitê Central da Esquerda Marxista.

Foice&Martelo

Boletim semanal da Esquerda Marxista - seção brasileira da Corrente Marxista Internacional, Número 21 - 20 de Setembro de 2013 - Preço R$ 1,00

Nenhuma concessão aos capitalistas

Andersan Gores

Assembleia dos trabalhadores da Mercedes Benz

Contra a crise e a colaboração de classe: a luta independente da classe operária

O saldo da criação mensal de empregos em julho é o menor desde o mesmo mês de 2003. A criação líquida anual de postos de trabalho também vem caindo desde 2010

A taxa de desemprego brasileira fechou em 5,6% em julho, maior do que os 4,6% registrados em dezembro de 2012. É preciso observar também que em julho o emprego na indústria teve queda de 0,8% em comparação com o mesmo mês do ano anterior. É a 22ª queda consecutiva nesse tipo de comparação. A produção industrial caiu 2% de junho para julho. Em São Paulo, a queda foi de 4,1%.

Os efeitos da crise foram postergados pela ampliação do crédito, do endividamento generalizado e da redução de impostos para as empresas. Estes foram os mesmos mecanismos que provocaram a crise nos EUA e na Europa. Agora, ela começa a dar sinais por aqui.

Mercedes anuncia fechamento da fábrica de SBC

No domingo (15/9), em São Bernardo do Campo, 7 mil trabalhadores reuniram-se em assembleia do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC para iniciar a luta contra a ameaça de transferência da planta da Mercedes-Benz para a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. No final de agosto a empresa já tinha dado licença remunerada a 300 trabalhadores.

Essa ameaça da Mercedes está diretamente relacionada à crise. Os capitalistas buscam diminuir os custos da produção, especialmente o da mão de obra, para manter as taxas de lucro. Historicamente os operários do ABC arrancaram diversas conquistas com grandes lutas. Agora, a Mercedes tenta mudar o local de produção para contratar trabalhadores com salários mais baixos e direitos reduzidos.

Este caso é exemplar. Se por um lado a taxa de desemprego não está alta no Brasil, por outro, a renda média da população vem caindo. O que ocorre é que os empregos criados, em sua maio-

ria, são de pior qualidade em relação aos que estão sendo fechados.

Lutar ou colaborar?

As mobilizações de junho contaram com a massiva participação da juventude e a simpatia da classe trabalhadora. Uma grande lição dessas manifestações é que quando existe luta de massas, os governos e a burguesia tremem e recuam. Foi o que aconteceu com o aumento das tarifas de transporte. Agora, os trabalhadores têm pela frente a tarefa de encabeçar novas mobilizações para conquistar suas reivindicações.

As direções tradicionais do movimento operário estão imersas em uma política de colaboração de classes que serve como freio para as mobilizações. O diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Valter Sanches, declarou sobre o caso da Mercedes: "Vamos discutir o que for necessário para reduzir custos, melhorar a competitividade da em¬presa, mas não sai nenhum parafuso desta fábrica que não seja negociado e tenha outro para repor no lugar".

Colaborar com os patrões para "reduzir custos" e "melhorar a competitividade da empresa" não são tarefas de um dirigente sindical. Ele não foi eleito para ajudar o patrão a administrar a fábrica, mas, sim, para arrancar conquistas, contra os interesses dos patrões, organizando e mobilizando os operários.

Esta política é a mesma que em 2006 levou à "aprovação" de um Plano de Demissão Voluntária (PDV), que previa a demissão de 3,6 mil da Volkswagen. Na assembleia que "aprovou" o acordo, o então presidente do sindicato de SBC, José Lopez Feijó, teve que sair escoltado para não apanhar dos trabalhadores revoltados com suas manobras.

Sem romper esta colaboração com os patrões, a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de SBC e a própria CUT, não cumprirão seu papel de defesa intransigente dos postos de trabalho. A CUT e os sindicatos deveriam mobilizar as bases de forma unitária, utilizar greves e ocupações de fábricas em defesa dos empregos, pelo atendimento das reivindicações, e cobrar a responsabilidade do governo federal.

Ouvir a voz das ruas, não a dos patrões

O governo Dilma deveria ouvir a voz das ruas e não anunciar, como fez em 7 de setembro, novas privatizações de portos, aeroportos, rodovias e ferrovias, além dos leilões das bacias de petróleo. A política de colaboração de classes tem servido apenas aos capitalistas. A obrigação do governo seria editar uma Medida Provisória determinando que empresas que ameaçarem com demissões serão estatizadas pelo governo. Porém, isso não vai acontecer enquanto o PT não romper sua vergonhosa coalizão com partidos de direita e voltar a se apoiar nas mobilizações do movimento operário, popular e da juventude. Até lá apenas a luta trará conquistas, como sempre.

Esta é a única perspectiva realista em SBC. O sindicato precisa mobilizar não só a Mercedes, mas toda a categoria para defender os empregos nesta fábrica. Caso não o faça, amanhã outra montadora irá se deslocar e demitir. Ou a Mercedes recua ou os metalúrgicos têm que entrar em greve e ocupar a fábrica, exigindo de Dilma a estatização.

Fim de ano quente

Neste fim de ano a classe trabalhadora estará em cena com seus métodos de luta. Teremos greves de bancários e dos trabalhadores dos Correios; campanhas salariais de diversas categorias, como metalúrgicos, químicos, vidreiros, que prometem esquentar o semestre. Quase todas vão enfrentar o governo como patrão direto e só a mobilização unitária pode levar à vitória. O governo vai novamente ouvir a voz das ruas.

A Esquerda Marxista estará ao lado dos trabalhadores nessas lutas. Defenderá a unidade da classe frente contra a vergonhosa divisão imposta por reformistas e ultraesquerdistas. Impulsionará o combate independente pelas reivindicações e explicará a necessidade de luta contra esse sistema decadente baseado na exploração da classe trabalhadora. A luta dos marxistas é pela construção da organização revolucionária, por um Governo Socialista dos Trabalhadores, no Brasil e no mundo.

Sind. Metalúrgicos de Juiz de Fora

Em Juiz de Fora os trabalhadores da Mercedes realizam assembleia

Expediente: Boletim Foice & Martelo - Órgão da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (www.marxist.com). **Diretor responsável:** Serge Goulart. **Editor responsável:** Wanderci Bueno. Jornalista responsável: Rafael Prata: MTB nº 40040/SP.
Sede Nacional: Rua Tabatinguera, 318 - Sé - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01020-000
e-mail: contato@marxismo.org.br - Telefone: (11) 3101 8810.

Royalties significam mais leilões, privatizações e dependência

Uma meia verdade é quase sempre muito mais daninha que uma mentira completa, porque pode ocultar uma traiçoeira manobra por trás de uma máscara de boas intenções. Assim é o projeto que destina os *royalties* dos leilões de petróleo para a saúde e a educação, sancionado em 9 de setembro pela presidente.

Ele é uma meia verdade primeiramente porque os *royalties* repassados a estes setores serão apenas os derivados de contratos a partir de 3 de dezembro de 2012 – os de campos de petróleo em atividade há mais tempo, como os do Rio de Janeiro e Espírito Santo, continuarão a ser repassados aos governos estaduais. Em segundo lugar, porque movem a opinião pública a apoiar uma causa aparentemente justa (recursos para educação e saúde) oferecendo um setor estratégico para a exploração da burguesia.

Além disso, cabe esclarecer o que é um *royalty*: é um valor que pago pelo direito de comercializar uma marca ou patente de um proprietário que a registrou. No caso de riquezas naturais (como minerais ou petróleo) é o valor que uma empresa paga ao proprietário do solo para obter o direito de extração, exploração e comercialização da *commodity*.

Como o solo e tudo nele contido pertencem à União, só ela tem direito de exploração dessas riquezas, mas pode permitir que empresas privadas as extraiam e comercializem, acumulando lucros bilionários (o que normalmente é concedido a multinacionais estrangeiras do campo energético).

Tudo que a empresa precisa fazer é pagar uma pequena porcentagem dos seus lucros (os *royalties*) e o saque da riqueza nacional fica devidamente legalizado.

É quase irônico, não fosse trágico, que o maior pacote de privatizações de empresas e serviços públicos nacionais e de exploração de riquezas naturais (apenas os mais rentáveis, diga-se de passagem) não seja comentado pela grande mídia. Ele foi abafado e encoberto pelo caso de espionagem do governo dos EUA, que teria levado a presidente a cancelar sua visita agendada ao país.

Dependência disfarçada

Soberania não é apenas um jogo de cena ou adiamento de visitas para sair melhor na foto junto à opinião pública. Soberania é quando se alcança a possibilidade de não mais depender de importações de petróleo (a riqueza dos poços encontrados poderia garantir autossuficiência ao Brasil). É investir em refinarias modernas, que consigam processar o óleo pesado produzido no país (hoje o país exporta petróleo bruto e importa derivados – mais caros porque já refinados, pois faltam refinarias capazes de processar o tipo de petróleo produzido aqui).

Soberania seria manter uma Petrobrás 100% estatal e aplicar todos os recursos provenientes do petróleo nacional em serviços públicos, proporcionando saúde e educação gratuitas, universais e de qualidade.

Soberania é romper o governo de coalizão com a burguesia nacional e dizer não aos interesses do imperialismo, garantindo o monopólio brasileiro nas empresas estratégicas, como extração, processamento e comércio de petróleo.

Manobra e falta de coragem política

A Venezuela, através de seu processo revolucionário, sem sequer tornar-se um país socialista, garantiu a universalização da educação pública e gratuita em todos os níveis. Conseguiu isso através da destinação das riquezas geradas pela exploração do petróleo para a educação, algo que só foi possível pela estatização da produção, enfrentando a ira do imperialismo mundial e da burguesia local.

Internet

A defesa dos *royalties* para educação e saúde não passa de uma manobra do governo Dilma para garantir apoio à dilapidação das riquezas nacionais. É a burguesia e o imperialismo "doando" com sua mão esquerda uma pequena fração daquilo que roubam em grande quantidade com sua mão direita.

Os trabalhadores, organizados de forma independente, devem responder em coro uníssono: Basta!

A Esquerda Marxista declara:

- O petróleo é nosso!

- Chega de leilões!

- Por uma Petrobrás 100% estatal e aplicação do dinheiro gerado pela exploração do petróleo em serviços públicos universais, gratuitos e de qualidade!

- Pela reestatização imediata de todos os campos privatizados!

Bancários estão em greve e governo Dilma está com banqueiros

Os bancários de todo o país, funcionários públicos e do setor privado, estão em greve por tempo indeterminado. Apesar de lucrarem como nunca, os bancos ofereceram um reajuste menor que a inflação. Na verdade, o governo Dilma – que comanda o Banco do Brasil (BB) e a Caixa Econômica Federal (CEF) – e os banqueiros não querem que nada atrapalhe a busca incessante por aumento de produtividade e redução de custos do trabalho.

Afinal, com a crise internacional rondando o país, a única maneira de manter as elevadas taxas de lucro é aumentando a exploração direta e indireta do trabalhador. Para isso, os bancos privados promovem demissões e uma alta rotatividade, já os públicos atacam com reestruturações, terceirizações e "demissões voluntárias". Além disso,